

**A COISA E AS CONTRADIÇÕES DO PERCEBER: Acerca da figura da  
consciência percebente na Fenomenologia do Espírito de Hegel**  
[THE THING AND THE CONTRADICTIONS OF PERCEIVE: On the figure of  
consciousness perceived in Hegel's Phenomenology of Spirit]

João Marcelo Silva da ROCHA

Doutorando em Filosofia pela Universidade do  
Espírito Santo (UFES) e professor de Filosofia do  
Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto  
Federal da Bahia (IFBA), Campus Juazeiro.  
E-mail: joaomarcelos@gmail.com

**Resumo**

O presente trabalho objetiva apresentar a exposição hegeliana da percepção conforme caracterizada no segundo capítulo da Fenomenologia do Espírito. Para tanto, seguindo a estrutura e desenvolvimento do próprio texto, introdutoriamente, há uma breve análise da passagem da certeza sensível à percepção; em seguida, delinea-se a caracterização hegeliana da coisa enquanto objeto a ser apreendido verdadeiramente pela percepção e o processo de experiências da consciência na tentativa de apreensão da verdade da coisa e as contradições inerentes a tal processo. Derradeiramente, demonstra-se como o reconhecimento das insuficiências manifestadas impulsiona a mudança para uma figura de consciência mais complexa, nomeadamente, o entendimento.

**Palavras-chave**

Hegel; Fenomenologia do Espírito; Consciência; Percepção, Coisa.

**Abstract**

This paper aims to present the Hegelian exposure of the perception as it is featured in the second chapter of the Phenomenology of Spirit. To do so, following the structure and the development of the actual text, for introductory purposes, there is a brief analysis of the passage of sense-certainty to perception to, then, outline the Hegelian characterization of the thing as an object to be truly grasped by perception and the process of the experiences of consciousness in the attempt to grasp the truth of the thing and the contradictions inherent to it. Finally, it is shown how recognition of the manifested shortcomings drives the change to a more complex shape of consciousness, namely, the understanding.

**Keywords**

Hegel; Phenomenology of Spirit; consciousness; perception; thing.



## INTRODUÇÃO

A reflexão a seguir objetiva, de um modo geral, apresentar e dilucidar as considerações realizadas por Hegel acerca da *percepção* [*Wahrnehmung*] de acordo com o exposto no segundo capítulo de sua *Fenomenologia do Espírito* [*Phänomenologie des Geistes*], intitulado “A Percepção ou: a coisa e a ilusão” [*Die Wahrnehmung oder das Ding und die Täuschung*]. Em vistas desse objetivo, guiar-nos-emos pela estrutura e pelo próprio desenvolvimento do texto em questão, tentando compreender os principais argumentos que perfazem cada um dos momentos desta seção da obra e a concatenação destes momentos entre si, uma vez que, a rigor, também são momentos da própria *consciência*.

Por isso, tendo em vista que, como Hegel nos aponta na Introdução da obra, “cada resultado que provém de um saber não verdadeiro (...) contém o que o saber anterior possui em si de verdadeiro” (HEGEL, 2003, p. 81, §87)<sup>1</sup> e, ademais, que a percepção se apresenta como resultado do “processo dialético da certeza sensível” (CHAGAS, 2014, p. 75), principiaremos com uma breve análise do movimento de passagem da certeza sensível [*sinnliche Gewissheit*] à percepção, a fim de compreender em que sentido o universal [*die Allgemeinheit*] é o princípio geral e essência desta. Em seguida, abordaremos a caracterização hegeliana da *coisa* [*Ding*], objeto a ser apreendido verdadeiramente pela percepção, enquanto uma universalidade de múltiplas propriedades e, ao mesmo tempo, uma unidade negadora do múltiplo, isto é, enquanto uma unidade excludente [*ausschließende Einheit*].

Desta feita, exporemos o processo de *experiências da consciência* na tentativa de apreensão da coisa em sua verdade e as contradições a ele inerentes, as quais residem, *grosso modo*, na tensão imanente à percepção entre unidade e multiplicidade, como se mostrará. Por fim, em posse de tais considerações, buscaremos explicitar em que medida o próprio reconhecimento das insuficiências que constituem a consciência percebente [*das*



<sup>1</sup> No original: „jedesmalige Resultat, welches sich an einem nicht wahrhaften Wissen ergibt (...) enthält was das vorhergehende Wissen Wahres an ihm hat.“ (HEGEL, 1998, p. 72)

Ao longo desse texto, utilizaremos como referência da obra a 2ª edição (volume único e revisada) da tradução realizada por Paulo Meneses e, em nota de rodapé, para cotejamento do leitor, transcreveremos a passagem citada conforme o texto original da obra em alemão, como realizado aqui.

*wahrnehmende Bewusstsein*] em sua relação com a coisa engendra o universal incondicionado [*die unbedingte Allgemeinheit*] e, conseqüentemente, promove o movimento de mudança para uma figura de consciência mais complexa, nomeadamente, o entendimento [*der Verstand*].

## 1. DA CERTEZA SENSÍVEL À PERCEPÇÃO

Conforme podemos vislumbrar desde a introdução da obra, Hegel assume a posição de que a investigação deve necessariamente partir da consciência natural (cf. HEGEL, 2003, p. 74, §77 [1998, p. 66]). Nesse sentido, “ele principia sua obra pelo começo, pelo início da experiência da consciência em que primeiro se expressa o saber fenomênico” (CHAGAS, 2014, p. 63). Tal ponto de partida é a consciência sensível [*sinnliches Bewusstsein*], cujo saber se apresenta como certeza sensível: um saber *imediate* do *imediate* (cf. HEGEL, 2003, p. 85, §90 [1998, p. 74]), isto é, conhecimento no qual entre o sujeito e o seu objeto não deveria haver nenhum tipo de interposto, de intermediário e que, por isso, aquele se identificaria e captaria completamente este, realizando assim uma verdade pura, simples, ou mais precisamente, *singular* – o que se observa nas palavras do próprio filósofo:

(...) nem o Eu nem a Coisa [*die Sache*] tem aqui a significação de uma mediação multiforme. O Eu não tem a significação de um multiforme representar ou pensar, nem a Coisa uma significação de uma multidão de diversas propriedades; ao contrário, a Coisa é, e ela é somente porque é. A Coisa é: para o saber sensível isso é o essencial: esse puro *ser*, ou essa imediatez simples, constitui sua *verdade*. A *certeza* igualmente, enquanto *relação*, é pura relação *imediate*. A consciência é *Eu*, nada mais: um puro *este*. O singular sabe o puro *este*, ou seja, sabe o *singular*. (HEGEL, 2003, p. 86, §91)<sup>2</sup>

Entretanto, buscando apreender de maneira imediata o singular, afirma Hegel, a certeza sensível se configura justamente em seu oposto: ela é um saber *mediato* e que se depara sempre com o *universal*. Vejamos rapidamente o porquê disso: o saber é fundamentalmente mediato porque, “embora ela [a consciência] acredite que seu saber está

<sup>2</sup> No original: „(...) weder Ich noch die Sache hat darin die Bedeutung einer mannigfaltigen Vermittlung; Ich nicht die Bedeutung eines mannigfaltigen Vorstellens oder Denkens, noch die Sache die Bedeutung mannigfaltiger Beschaffenheiten; sondern die Sache ist; und sie ist, nur weil sie ist; sie ist, dies ist dem sinnlichen Wissen das Wesentliche, und dieses reine Sein oder diese einfache Unmittelbarkeit macht ihre Wahrheit aus. Ebenso ist die Gewißheit als Beziehung unmittelbare reine Beziehung; das Bewußtsein ist Ich, weiter nichts, ein reiner Dieser; der Einzelne weiß reines Dieses, oder das Einzelne.“ (1998, p. 75)



unido imediatamente ao objeto a que se refere, nessa mesma pressuposição já está dito que há um saber e há um objeto a ser sabido. (...) Portanto, a rigor, já se ultrapassou o momento da pura imediatez” (GABOARDI, 2013, p. 44). Há, pois, na certeza sensível, uma necessária relação *recíproca* entre o Eu [*Ich*] e o objeto [*Gegenstand*], de modo que, através da mediação de um pelo outro, ambos se determinam simultaneamente. Ou, dito de maneira expressa, “Eu tenho certeza por *meio de* um outro, a saber: da Coisa; e essa está igualmente na certeza *mediante* um outro, a saber, mediante o Eu” (HEGEL, p. 86, §92)<sup>3</sup>.

Desta diferenciação entre a imediatez e a mediação resulta que, na relação entre sujeito e objeto, é ao objeto que deve ser atribuída a essência, porquanto ele é “o essente simples e imediato” (HEGEL, 2003, p. 86, §93)<sup>4</sup>, ou seja, o ser que é *em-si*, enquanto que ao sujeito confere-se a inessencialidade, uma vez que ele é *por meio de um outro*, porque só pode saber do objeto na medida em que o objeto é. Destarte, tendo em vista que “a consciência busca o essencial, aquilo que é por meio de si mesmo” (GABOARDI, 2013, p. 44), o exame hegeliano volta-se para o objeto a fim de saber se sua essência corresponde à singularidade que a certeza sensível lhe imputa como sua verdade.

Todavia, ao se defrontar detidamente com o objeto, aquilo que parecia ser a sua pura imediatez, o seu *aqui e agora*, dissolve-se em universalidades mediatizadas: não são este ou aquele instante singular, nem tampouco este ou aquele lugar particular, mas sim “um agora enquanto tempo universal (...) e um aqui como espaço universal” (CHAGAS, 2014 p. 69). Do mesmo modo, se a consciência na certeza sensível se volta para o sujeito na tentativa de encontrar seu puro ser verdadeiro, o Eu singular também se mostra como um evanescente, porque não se identifica simplesmente com este ou aquele sujeito, e “o que nessa experiência não desvanece é o Eu como universal” (HEGEL, 2003, p. 89, §102)<sup>5</sup>. Dessa maneira, a universalidade se manifesta como “um processo de *negação* da singularidade sensível” (GABOARDI, 2013, p. 57).

Dessas experiências da certeza sensível, genericamente expostas, o importante a ser destacado é o fato de que, apesar de a consciência visar [*meinen*] uma singularidade

<sup>3</sup> No original: „Ich habe die Gewißheit durch ein anderes, nämlich die Sache; und diese ist ebenso in der Gewißheit durch ein anderes, nämlich durch Ich.“ (1998, p. 75)

<sup>4</sup> No original: „das einfache unmittelbar seiende“. (1998, p. 75)

<sup>5</sup> No original: „Was darin nicht verschwindet, ist Ich, als allgemeines“ (1998, p. 79).



imediatamente, o que se mostrou como essencial na certeza sensível foi a *universalidade* que sempre abarca todas tentativas de apreensão do singular. Com efeito,

A verdade do *isto* sensível para a consciência tem de ser uma experiência universal; mas o que é experiência universal é, antes, o contrário. (...) Assim, em toda certeza sensível só se experimenta, em verdade, o que já vimos: a saber, o *isto* como um *universal*, – o contrário do que aquela afirmação garante ser experiência universal (HEGEL, 2003, p. 92, §109).<sup>6</sup>

Isso significa que a certeza sensível não é capaz de realizar seu próprio conceito e, por conseguinte, o universal surge como fruto *imane*nte desta experiência, apresentando-se como o sensível suprasumido [*aufgehoben*] que, ao conservar em si os momentos da sensibilidade, desde já se configura como um universal *determinado*. Assim, diz-nos Hegel, a consciência se torna *percepção*, pois, ao invés de direcionar-se ao saber imediato, na medida em que “toma como universal o que para ela é o essente” (HEGEL, 2003, p. 95, §111)<sup>7</sup>, acredita está em condições de *apreender a verdade*, ou seja, de *perceber* (cf. HEGEL, 2003, p. 94, §110)<sup>8</sup>.

## 2. A COISA

Após uma sucinta retomada do resultado conquistado até o momento, Hegel inicia as considerações acerca da percepção estabelecendo que “como a universalidade é seu princípio em geral, assim também são universais seus momentos, que nela se distinguem imediatamente: o Eu é um universal, e o objeto é um universal” (HEGEL, 2003, p. 95, §111)<sup>9</sup>. Ou seja, no perceber, estão essencialmente implicados dois momentos universais: a consciência percebente e a coisa percebida [*das wahrgenommene Ding*]. Diante disto, ele pondera que, apesar de serem momentos essenciais da percepção, na relação entre eles, somente um pode ser considerado como o verdadeiramente essencial, e – em consonância com o que primeiramente se viu acerca disso na certeza sensível – este só pode ser o objeto: “determinado como o simples – o objeto – é a essência, indiferente a ser



<sup>6</sup> No original: „Die Wahrheit des sinnlichen Dingen für das Bewußtsein soll allgemeine Erfahrung sein; aber vielmehr ist das Gegenteil allgemeine Erfahrung (...) und wird in aller sinnlichen Gewißheit in Wahrheit nur dies

erfahren, was wir gesehen haben, das dieses nämlich als ein Allgemeines, das Gegenteil dessen, was jene Behauptung allgemeine Erfahrung zu sein versichert.“ (1998, p. 83)

<sup>7</sup> No original: „nimmt hingegen das, was ihr das Seiende ist, als Allgemeines.“ (1998, p. 86)

<sup>8</sup> É importante notar que a correlação estabelecida por Hegel entre “apreender a verdade”, ou “tomar a verdade”, e “perceber” está fundamentada no seguinte: na língua alemã, “percepção” se diz *Wahrnehmen*. Porém, decompondo tal palavra, tem-se *Wahr*, que significa “verdade”, e *nehmen*, que é a forma infinitiva do verbo “tomar, pegar, apreender”. Nesse sentido, considerada à luz de sua construção no alemão, perceber é apreender a verdade, ou tomar verdadeiramente (Cf. VERENE, 2007, p. 46)

<sup>9</sup> No original: „Wie die Allgemeinheit ihr Prinzip überhaupt, so sind auch ihre in ihr unmittelbar sich unterscheidenden Momente, Ich ein allgemeines, und der Gegenstand ein allgemeiner.“ (1998, p. 86)

ou não percebida; mas o perceber, como o movimento, é o inconsistente, que pode ser ou não ser, e é o inessencial” (HEGEL, 2003, p. 95, §111)<sup>10</sup>.

(a) *a coisa de múltiplas propriedades*:

Assim sendo, o filósofo alemão procede com a caracterização do objeto da percepção afirmando que, enquanto princípio do objeto forjado a partir do processo mediato de negação do sensível, o universal ainda carrega em si as determinações advindas da figura anterior. Portanto, tal conteúdo, isto é, a multiplicidade de propriedades sensíveis, tem que permanecer no objeto, ou, como aponta Hegel, tem que ser expresso na natureza mesma do objeto; “por conseguinte [o objeto] se mostra como a *coisa de muitas propriedades [das Ding von vielen Eigenschaften]*” (FE, §112 [1998, p. 87]). Nesse sentido, a coisa se caracteriza como um *universal determinado* constituído pela suprassunção de conteúdos sensíveis em diversas propriedades.

Configurada sob essa perspectiva, a universalidade do objeto possui uma dupla significação: 1) é uma totalidade de determinidades que são *para-si* e, portanto, *indiferentes* entre si; assim como é 2) uma “unidade independente das diversidades, mas que lhes serve de meio [*Medium*] e engloba todas elas” (CHAGAS, 2014, p. 77). Este meio universal, por sua vez, é o próprio objeto sensível tomado, após a suprassunção da certeza sensível, como a *unidade simples* das múltiplas propriedades – o que Hegel chama de *coisidade [Dingheit]*.

Bem, para esclarecer um pouco mais esta dupla compreensão da universalidade aqui em jogo, recorramos ao exemplo apresentado pelo próprio filósofo:

Este sal é um aqui simples, e ao mesmo tempo múltiplo; é branco e *também* picante, *também* é cubiforme, *também* tem peso determinado etc. Todas essas propriedades múltiplas estão num *aqui* simples no qual assim se interpenetram: nenhuma tem um aqui diverso do da outra, pois cada uma está sempre onde a outra está. Igualmente, sem que estejam separadas por aqui diversos, não se afetam mutuamente por essa interpenetração. O branco não afeta nem altera o cúbico, os dois não afetam o sabor salgado etc; mas por ser, cada um, simples *relacionar-se consigo*, deixa os outros quietos, e com eles apenas se relaciona através do *indiferente também*. Esse *também* é portanto o puro universal mesmo, ou o meio: é a *coisidade* que assim engloba todas essas propriedades. (HEGEL, 2003, p. 97, §113).<sup>11</sup>

<sup>10</sup> No original: „als das einfache bestimmt, der Gegenstand, ist das Wesen, gleichgültig dagegen, ob er wahrgenommen wird oder nicht; das Wahrnehmen aber als die Bewegung ist das Unbeständige, das sein kann oder auch nicht, und das Unwesentliche.“ (1998, p. 86)

<sup>11</sup> No original: „Dies Salz ist einfaches Hier, und zugleich vielfach; es ist weiß, und auch scharf, auch kubisch gestaltet, auch von bestimmter Schwere, und so weiter. Alle diese vielen Eigenschaften sind in einem einfachen Hier, worin sie sich also durchdringen; keine hat ein anderes Hier als die andere, sondern jede ist allenthalben, in demselben, worin die andere ist; und zugleich, ohne durch verschiedene Hier geschieden zu sein, affizieren sie sich in dieser Durchdringung nicht; das Weiße affiziert oder verändert das Kubische nicht, beide nicht das Scharfe, und so weiter, sondern da jede selbst einfaches Sich-auf-sich-beziehen ist, läßt sie die andern ruhig und bezieht sich nur durch das gleichgültige Auch auf sie. Dieses Auch ist also das reine Allgemeine selbst, oder das Medium, die sie so zusammenfassende Dingheit“. (1998, p. 88)



Sendo assim, enquanto *também*, a coisidade é sempre aquilo que ultrapassa a somatória de suas propriedades, já que ela não pode ser reduzida a nenhuma destas e sempre pode ser dita a partir de mais uma propriedade (além de branco, picante e cubiforme, o sal *também* é algo que está no mar, *também* é adequado para o consumo, etc). Dessa maneira, o universal se revela como uma unidade que garante que propriedades diversas coexistam no mesmo. As propriedades, porém, apesar de pertencerem a esta unidade, isto é, à coisidade, também são para-si, uma vez que elas mesmas também são universais e, por isso, já estão para além, como bem observa Hyppolite: “este cristal de sal é branco, mas sua brancura é uma determinação sensível universal e nós vamos além deste cristal de sal ao percebê-lo como branco.” (1974, p. 111)<sup>12</sup>

Ora bem, esquematicamente, o que a investigação até agora nos apresentou pode ser resumido da seguinte maneira: 1) o objeto é coisidade, um meio universal que engloba em si diversas propriedades; 2) a universalidade é tanto da coisa – que é universalidade enquanto simplicidade, uma unidade em-si e para-si, independente das propriedades – quanto das propriedades; 3) as propriedades, por um lado, são inseparáveis da coisa, já que lhe pertencem, e, por outro, são independentes, pois também são para-si e, por isso, ultrapassam a unidade da coisa.

(b) *a coisa como uno excludente*:

Neste ponto, Hegel afirma que somente foi ressaltado o caráter positivo da universalidade nesta figura da consciência. Todavia, diante disso, enquanto segundo momento dessa reflexão sobre a coisa e suas propriedades, ele pondera:

Se as muitas propriedades determinadas fossem simplesmente indiferentes, e se relacionassem exclusivamente consigo mesmas, nesse caso não seriam *determinadas*: pois isso são apenas à medida que se *diferenciam* e se relacionam *com outras* como opostas. Mas segundo essa oposição, não podem estar juntas na unidade simples de seu meio, que lhes é tão essencial quanto a negação. A diferenciação dessa unidade – enquanto não é uma unidade indiferente, mas excludente, negadora do Outro – recai assim fora desse meio simples. Por isso, esse meio não é apenas um *também*, unidade indiferente; mas é, outrossim, o *Uno*, *unidade excludente*. (HEGEL, 2003, p. 97, §114).<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Tradução minha de: “This crystal of salt is white, but its whiteness is a universal sensuous determination; we go beyond this crystal when we perceive it as white.”

<sup>13</sup> No original: 1998, pp. 88-89



Ou seja, na medida em que são determinadas, as propriedades não podem ser somente autorreferentes pois, se o fossem, perderiam justamente suas determinações e se dissolveriam num universal *vazio*. Isso porque, como podemos extrair da citação supracitada, a determinação de algo implica necessariamente o relacionar-se *negativo* com outro. No caso presente, “se a propriedade é ela mesma, então *não é* as outras. (...) Cada uma, ao ser ela mesma, *nega* todas outras” (GABOARDI, 2013, p. 59 – grifos meus). É à vista disso que Hegel declara que elas se relacionam como *opostos* e, destarte, não podem habitar juntas uma mesma unidade, contradizendo assim o que fora apontado anteriormente.

Ademais, no fim da passagem em questão, o filósofo alemão também nos mostra que a própria coisa, sendo uma universalidade em-si e para-si, já contém a negação daquilo que não é ela; conseqüentemente, não é somente unidade indiferente; é unidade excludente porque, para afirmar-se como o Uno [*das Eins*], ela nega tanto a multiplicidade de propriedades quanto – saindo da imanência de si – todo e qualquer outro.

(c) *a constituição contraditória da coisa*

Desta feita, considerando *simultaneamente* os dois momentos supramencionados, Hegel afirma que “a coisa está completa como o verdadeiro da percepção” (2003, p. 98, §115)<sup>14</sup>. Nesses termos, a coisa se revela em sua constituição como algo essencialmente contraditório, visto que ela é, *ao mesmo tempo*, o meio, ou o também – que encerra em si múltiplas propriedades de modo indiferente a elas – e o uno negativo – a unidade que, para ser, exclui a diversidade e a oposição entre suas propriedades. Ademais, ela é também suas propriedades que se modificam nesta dubiedade constituinte: ora universalidades para-si e indiferentes umas às outras, ora determinidades excludentes entre si e, inclusive, negadoras de outras propriedades que extrapolam a coisa.

Este reconhecimento da natureza contraditória da coisa, por sua vez, já implica a própria suprassunção das contradições. Dessa maneira, neste estágio da investigação, Hegel sintetiza o conteúdo do objeto da percepção até agora conquistado nos seguintes termos:

<sup>14</sup> No original: „(...) ist das Ding als das Wahre der Wahrnehmung vollendet.“ (1998, p. 89)



A universalidade sensível ou a unidade imediata do ser e do negativo só é propriedade enquanto o Uno e a universalidade pura se desenvolvem nela, e se diferenciam entre si, e ela os engloba juntamente, um com o outro. *Somente essa sua relação com seus momentos essenciais puros constitui plenamente a coisa.* (2003, p. 98, §115 – grifos meu).<sup>15</sup>

### 3. AS EXPERIÊNCIAS DA CONSCIÊNCIA PERCEBENTE

A partir deste momento, a inquirição hegeliana volta-se para a consciência *percebente* a fim de demonstrar os processos por ela realizados na busca pela apreensão efetiva do verdadeiro, isto é, da coisa nos moldes em que foi acima caracterizada.

Antes de avançar, Hegel nos relembra do desequilíbrio constitutivo da relação entre consciência e objeto, apresentando-nos uma importante consequência disso: “enquanto o objeto é o verdadeiro e o universal, igual a si mesmo, ao passo que a consciência para si é o mutável e o inessencial, é possível que lhe suceda perceber incorretamente o objeto e iludir-se” (2003, p. 98, §116).<sup>16</sup> Aqui o subtítulo do capítulo em estudo – qual seja, “a coisa e a ilusão” [*das Ding und die Täuschung*] – ganha relevo: a verdade almejada pela consciência percebente configura-se, podemos dizer, como *adaequatio ad rem*, de modo que, para apreender a verdade, bastaria tomar a coisa tal como ela é em-si, sem realizar nenhum tipo de alteração, nem estabelecer relações que já não estejam dadas na coisa. Consequentemente, “qualquer problema que venha a ocorrer na percepção é atribuído não à coisa, mas a uma inverdade ou contradição da consciência que não percebe corretamente a coisa e se ilude” (CHAGAS, 2014, p. 79).

A ilusão, portanto, reside na reflexão *inadequada* da consciência acerca da coisa. Por isso, ao se defrontar com seu objeto como um duplo contraditório em si, a consciência terá como motor da experiência dialética do perceber a tentativa de conceber como é possível a unidade da dupla acepção da coisa – como *também* e como *uno* – no próprio



<sup>15</sup> No original: „Die sinnliche Allgemeinheit, oder die unmittelbare Einheit des Seins und des Negativen, ist erst so Eigenschaft, insofern das Eins und die reine Allgemeinheit aus ihr entwickelt, und voneinander unterschieden sind, und sie diese miteinander zusammenschließt; diese Beziehung derselben auf die reinen wesentlichen Momente vollendet erst das Ding“. (1998, p. 89)

<sup>16</sup> No original: „Indem der Gegenstand das Wahre und Allgemeine, sich selbst Gleiche, das Bewußtsein sich aber das Veränderliche und Unwesentliche ist, kann es ihm geschehen, daß es den Gegenstand unrichtig auffaßt und sich täuscht.“ (1998, p. 90)

objeto. Isso posto, passemos então à análise hegeliana das experiências da consciência na percepção.

(a) *A primeira experiência*

*Prima facie*, a consciência capta a coisa como o uno excludente. As propriedades desta, portanto, relacionam-se negativamente, determinando-se e estabelecendo assim a especificidade da própria coisa a que pertencem. Porém, Hegel observa que, como já visto antes, as propriedades são universais e, conseqüentemente, a essência da coisa não pode ser a singularidade excludente, mas sim a comunidade em geral [*Gemeinschaft überhaupt*] ou continuidade [*Kontinuität*] das universalidades, constituindo-se assim a coisa como aquele “também” que engloba a diversidade das propriedades. Mas, por sua vez, a propriedade percebida não é só universal, mas determinada, oposta às demais e excludente delas e, “em razão da determinidade de propriedades, volta a consciência a fazer a essência da coisa um uno excludente” (CHAGAS, 2014, p. 79).

Desse modo, o que a consciência parece realmente perceber na coisa é justamente aquilo que foi apresentado anteriormente como sua constituição: propriedades indiferentes umas às outras, que não se afetam nem se excluem mutuamente e que, *ao mesmo tempo*, são distintas, específicas, que, portanto, negam as outras para determinar-se. Assim, Hegel sustenta que o objeto percebido agora é “um *meio comum* universal, onde muitas propriedades estão como *universalidades* sensíveis, cada uma para si, excluindo as outras enquanto *determinadas*” (2003, p. 99, §117)<sup>17</sup>. O problema que emerge deste movimento é que, se a consciência apreende a coisa apenas como o meio comum cujas propriedades são para-si e em exclusão das outras, então ela *perde* o próprio objeto da percepção,

pois propriedades tomadas cada uma para si (a brancura, a alcalinidade, a forma cúbica deste sal, etc.), que não estão mais num suporte, num ser determinado, nem num uno, não são mais propriedades e nem determinadas, visto que não se excluem. Sem a diversidade das propriedades, como seria determinada e discernível a coisa de uma outra? (CHAGAS, 2014, p. 79)

Assim, perdendo o objeto nos termos supracitados, o que se revela de fato é que, tentando apreender a coisa, “a consciência, para a qual existe agora um ser sensível, é *somente um visar*, isto é, saiu totalmente para fora do perceber, e regressou a si mesma”

<sup>17</sup> No original: „(...) ein allgemeines gemeinschaftliches Medium, worin viele Eigenschaften als sinnliche Allgemeinheiten, jede für sich ist, und als bestimmte die andern ausschließt“. (1998, p. 91)



(HEGEL, 2003, p. 100, §117 – grifos meus)<sup>18</sup>. Sendo um visar, este sair-para-fora-do-perceber significa um retorno à certeza sensível que, por sua vez, remete de volta à percepção, e a consciência é arrastada mais uma vez para o circuito da tensão entre unidade e multiplicidade, cujo efeito já foi expresso.

(b) *A segunda experiência*

Pois bem, “obviamente, algo deu muito errado” (WESTPHAL, 2009, p. 13)<sup>19</sup>. Entretanto, o resultado da primeira experiência da consciência percebente não foi aporético. Ao revés, ele enriqueceu-a no seguinte sentido: “(...) ficou determinado para a consciência como é que seu objeto está constituído, isto é: seu objeto não consiste em ser um puro apreender simples, mas em ser seu apreender ao mesmo tempo refletido em si a partir do verdadeiro” (HEGEL, 2003, p. 100, §118)<sup>20</sup>. A consciência descobre, portanto, que em seu apreender não está em jogo apenas o objeto como tal, mas também ela mesma. Destarte, reconhecendo que há *reflexão* sua no processo de apreensão da coisa, a consciência sabe agora que é preciso extirpar aquilo que lhe diz respeito do objeto, resgatando assim a pureza deste. Dito de maneira precisa, ela “[...] já não percebe simplesmente; senão que também é cônica de sua reflexão-sobre-si, e a separa da simples apreensão” (HEGEL, 2003, p. 100, §118)<sup>21</sup>.

O problema a ser solucionado pela consciência percebente, então, pode ser resumido nos seguintes termos: como superar a contradição entre a unidade e a multiplicidade que se revelou na coisa? Para tanto, enriquecida pela compreensão supramencionada, ela experimenta novamente seu objeto e, como antes, a coisa inicialmente aparece como *una*. Dessa maneira, todas as multiplicidades que violavam sua unidade devem ser remetidas à consciência: “de fato, essa coisa é branca só para *nossos* olhos, e *também* tem gosto salgado para *nossa* língua, é *também* cúbica para *nosso* tato



<sup>18</sup> No original: „das Bewußtsein, für welches itzt ein sinnliches Sein ist, ist nur ein Meinen, das heißt, es ist aus dem Wahrnehmen ganz heraus und in sich zurückgegangen.“ (1998, p. 91)

<sup>19</sup> Tradução minha de: “obviously, something has gone badly wrong”.

<sup>20</sup> No original: „Es hat sich hiemit für das Bewußtsein bestimmt, wie sein Wahrnehmen wesentlich beschaffen ist, nämlich nicht ein einfaches reines Auffassen, sondern in seinem Auffassen zugleich aus dem Wahren heraus in sich reflektiert zu sein.“ (1998, p. 92)

<sup>21</sup> No original: „(...) es nicht mehr bloß wahrnimmt, sondern auch seiner Reflexion in sich bewußt ist, und diese von der einfachen Auffassung selbst abtrennt.“ (1998, p. 92)

etc. Toda a diversidade desses aspectos, não tomamos da coisa, mas de nós” (HEGEL, 2003, p. 101, §119)<sup>22</sup>.

Com isso, nessa segunda experiência, a coisa está garantida em sua unidade e a pluralidade de propriedades através das quais a apreendemos encontra seu fundamento nas diversas faculdades do sujeito, de maneira tal que é ele quem agora se revela como o *meio* que suporta a multiplicidade, as determinidades da coisa. Entretanto, Hegel destaca que

a coisa só é Uno justamente porque se opõe às outras. Mas não exclui de si as outras porque seja uno – já que ser Uno é o universal relacionar-se-consigo-mesmo –, e sim devido à determinidade. Assim, as próprias coisas são determinadas em si e para si; têm propriedades pelas quais se diferenciam das outras (2003, p. 101, §120).<sup>23</sup>

No ser-uno, portanto, já está implicada necessariamente a determinidade. Por conseguinte, a coisa, enquanto uma, só pode se diferenciar através do que é determinado e, por isso, as propriedades *precisam ser da própria coisa*, existindo nela de maneira autônoma em relação à consciência percebente. Assim, é a coisa – e não mais o sujeito – que se mostra como o *também*: “ela é branca e também salgada, e também cúbica, etc. Ela é um meio universal, no qual as propriedades subsistem, fora uma das outras, sem se suprimir” (CHAGAS, 2014, p. 81).

Diante disso, a consciência precisa corrigir seu erro e – invertendo o resultado anteriormente alcançado – acaba por assumir para si o papel unificador, na medida em que respeita a coisa como uma multiplicidade de propriedades. A coisa enquanto uno, conseqüentemente, manifesta-se agora como produto da consciência; é esta que realiza a síntese de diversas propriedades entre si indiferentes no processo de apreensão da coisa.

Este movimento de modificação entre aquilo que é próprio à coisa e aquilo que diz respeito à consciência demonstra mais do que a sumária descrição dele é capaz de apontar: além de destacar o caráter pensativo, reflexivo e, portanto, ativo da consciência

<sup>22</sup> No original: „Dies Ding ist also in der Tat nur weiß, an unser Auge gebracht, scharf auch, an unsre Zunge, auch kubisch an unser Gefühl, und so fort. Die gänzliche Verschiedenheit dieser Seiten nehmen wir nicht aus dem Dinge, sondern aus uns“ (1998, p. 93).

<sup>23</sup> No original: „das Ding Eins gerade dadurch, daß es andern sich entgegensetzt. Es schließt aber andere nicht, insofern es Eins ist, von sich aus; denn Eins zu sein ist das allgemeine Auf-sich-selbst-beziehen, und dadurch, daß es Eins ist, ist es vielmehr allen gleich; sondern durch die Bestimmtheit. Die Dinge selbst also sind an und für sich bestimmte; sie haben Eigenschaften, wodurch sie sich von andern unterscheiden.“ (1998, p. 93).



(cf. WESTPHAL, 2009, p. 13), ele também revela *para-a-consciência* aquilo que *para-nós* já foi apresentado acerca da constituição da coisa. É nesse sentido que Hegel afirma o seguinte:

A consciência acha, através dessa comparação, que não é apenas seu “tomar do verdadeiro” [perceber], que nele possui a *diversidade do apreender e do retornar a si*, mas antes, é o próprio verdadeiro – a coisa – que se apresenta dessa dupla maneira de ser. Sendo assim, é isto o que está presente através dessa experiência: a coisa se *apresenta* de um modo determinado, mas ela está, *ao mesmo tempo*, *fora* do modo como se apresenta, e refletida sobre si mesma. Quer dizer: a coisa tem nela mesma uma verdade oposta (2003, p. 102, §122)<sup>24</sup>.

Essa passagem do texto hegeliano é bastante importante porque, para apresentar o conceito da coisa, traz-nos a caracterização dela como “refletida sobre si mesma”. Esta expressão significa que a coisa é, *nela mesma*, o seu ser-outro, isto é, “tem no seu ser tanto a igualdade consigo mesma, quanto a diferença” (GABOARDI, 2013, p. 66). E é justamente por isso que se a consciência percebente considerar o ser da coisa como unidade (unidade para-outro), ela se revelará como multiplicidade (multiplicidade para-si), da mesma maneira que se a forma essencial da coisa for vislumbrada pela consciência como múltipla (multiplicidade para-outro), ela será também una (unidade para-si).



(c) *A terceira experiência:*

Todavia, tal compreensão da coisa representa um problema para a consciência porque significa que a coisa não pode ser mantida na sua essencialidade se for concebida mediante essa diferença *interna*. Por esse motivo, Hegel pondera que a consciência “deveria, assim, dizer que a coisa, *enquanto* é para si, não é para Outro” (2003, p. 103, §123)<sup>25</sup>. Ou seja, deveria dizer exatamente o contrário do que disse.

Neste cenário, na permanente tentativa de garantir a apreensão da coisa, isto é, daquilo que ela é em-si e para-si, ou ainda, daquilo que lhe é essencial, Hegel sustenta que a consciência percebente imputará a diferença à *relação* da coisa com outras coisas: “assim

<sup>24</sup> No original: „Das Bewußtsein findet also durch diese Vergleichung, daß nicht nur sein Nehmen des Wahren, die Verschiedenheit des Auffassens und des In-sich-zurückgehens an ihm hat, sondern daß vielmehr das Wahre selbst, das Ding, sich auf diese gedoppelte Weise zeigt. Es ist hiemit die Erfahrung vorhanden, daß das Ding sich für das auffassende Bewußtsein auf eine bestimmte Weise darstellt, aber zugleich aus der Weise, in der es sich darbietet, heraus und in sich reflektiert ist, oder an ihm selbst eine entgegengesetzte Wahrheit hat.“ (1998, p. 95)

<sup>25</sup> No original: „Es müßte also sagen, daß das Ding, insofern es für sich ist, nicht für Anderes ist.“ (1998, p. 95)

a coisa é mesmo – em si e para si – igual a si mesma; mas essa unidade consigo mesma é estorvada por outras coisas. A unidade da coisa desse modo é preservada; mas o é igualmente o ser-Outro, tanto fora dela como fora da consciência” (HEGEL, 2003, p. 103, §123)<sup>26</sup>.

A solução, pois, é apreender a coisa enquanto unidade e considerar a multiplicidade como uma essência diferente e oposta, referente apenas ao momento em que a coisa se distingue das demais coisas, de modo que a multiplicidade passa a ser caracterizada não mais como um elemento inerente à essência da coisa, mas ainda assim assumido por ela.

Destarte, a coisa se revela essencialmente como una. Todavia, poder-se-ia perguntar: qual é, então, o fundamento desta unidade? Ao que Hegel responde: o fato de a coisa ser “para si uma *determinidade simples* [*einfache Bestimmtheit*]” (2003, p. 103, §124), isto é, de se determinar em si mesma como algo diverso das outras coisas e somente na medida em que não se relaciona com elas, porque a conexão com o outro implica perda de sua autossuficiência. Em face disso, porém, Hegel afirma que

O objeto é, antes, *sob o mesmo e único ponto de vista, o oposto de si mesmo: para si, enquanto é para Outro; e para Outro, enquanto é para si*. E *para si*, em si refletido, Uno; mas esse *para si*, em si refletido, ser-Uno, está em uma unidade com seu oposto – o *ser para um Outro*. E portanto posto apenas como suprassumido, ou seja: esse ser-para-si é tão *inessencial* quanto aquele, que só deveria ser o inessencial, isto é, a relação com Outro. (2003, p.104-105, §128)<sup>27</sup>

Com efeito, o que parecia ser a solução do problema mostra-se, na verdade, como o alargamento radical do paradoxo em que está envolvida a percepção, pois, justamente devido a este caráter essencial, a coisa desmorona: “a coisa é posta como ser-para-si, ou como negação absoluta de todo ser-outro; portanto, como negação absoluta que só consigo se relaciona. Mas a negação que se relaciona consigo é o suprassumir de si mesma; ou

<sup>26</sup> No original: „Das Ding ist also wohl an und für sich, sich selbst gleich; aber diese Einheit mit sich selbst wird durch andere Dinge gestört; so ist die Einheit des Dings erhalten, und zugleich das Anderssein außer ihm, so wie außer dem Bewußtsein.“ (1998, p. 96)

<sup>27</sup> No original: „der Gegenstand ist vielmehr in einer und derselben Rücksicht das Gegenteil seiner selbst, für sich, insofern er für Anderes, und für Anderes, insofern er für sich ist. Er ist für sich, in sich reflektiert, Eins; aber dies für sich, in sich reflektiert, Einssein ist mit seinem Gegenteile, dem Sein für ein Anderes, in einer Einheit, und darum nur als Aufgehobenes gesetzt; oder dies Für-sich-sein ist ebenso unwesentlich als dasjenige, was allein das Unwesentliche sein sollte, nämlich das Verhältnis zu anderem.“ (1998, p. 98)



seja, é ter sua essência em um Outro” (HEGEL, p. 104, §126)<sup>28</sup>. Quer dizer, ao tentar pôr a coisa como determinidade simples, como aquilo que é essencialmente relacionamento consigo mesma, a consciência percebente só alcança o contrário, na medida em que, para ser determinidade simples, a coisa precisa excluir de si toda diferença, todo ser-outro; entretanto, todo negar é relacionar-se-com e, por isso, “a negação, que exclui tudo de si e refere a si, termina excluindo a si mesma e, conseqüentemente, tendo sua essência não mais em si, e sim em um outro (na relação)” (CHAGAS, 2014, p. 83). Novamente, pois, tudo o que se vê é que a coisa da percepção, diante da constante tensão entre unidade e multiplicidade, deve necessariamente assumir os dois aspectos.

A contradição apresentada aqui sob diversos aspectos, portanto, dissolve-se na medida em que, “graças à esta dialética, vamos da *coisa* à *relação*” (HYPPOLITE, 1974, p. 116)<sup>29</sup>. Quer dizer, se a coisa é simultaneamente para-si enquanto para-outro e, do mesmo modo, simultaneamente para-outro enquanto é para-si, então “ela está numa *unidade dialética* com seu oposto: ela é, na linguagem hegeliana, a unidade da unidade e da multiplicidade, ou a identidade da identidade e da não-identidade” (CHAGAS, 2014, p. 84). É a partir desta compreensão de seu objeto que “a consciência entra de verdade no reino do *entendimento*” (HEGEL, 2003, p. 105, §129 – grifos meus)<sup>30</sup>.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em face do exposto, podemos destacar, por fim, a natureza intermediária da percepção. É neste sentido que o objeto que ela almeja apreender como sua verdade se manifesta como uma ambivalência entre elementos configuradores da sensibilidade, por um lado, e do entendimento, por outro. Ou ainda, na formulação que se encontra na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio*, como “uma ligação de determinações sensíveis e de determinações de pensamento ampliadas” (HEGEL, 2005, p. 474, §420).

<sup>28</sup> No original: „Das Ding ist gesetzt als Für-sich-sein, oder als absolute Negation alles Andersseins; daher absolute, nur sich auf sich beziehende Negation; aber die sich auf sich beziehende Negation ist Aufheben seiner selbst, oder sein Wesen in einem andern zu haben.“ (1998, p. 97).

<sup>29</sup> Tradução minha de: “Thanks to this dialectic we proceed from *thing* to *relation*”.

<sup>30</sup> No original: „das Bewußtsein tritt hier. erst wahrhaft in das Reich des Verstandes ein“ (1998, p. 98).

Por esse motivo, a consciência percebente se depara com a coisa sempre através de duas características essenciais, a unidade e a multiplicidade. A verdade da percepção, porém, já que reside na sua universalidade, deveria revelar-se como a suprassunção de toda diferença, ou, noutras palavras, a coisa não poderia ser um oposto. Assim, a fim de garantir a igualdade da coisa consigo mesma, a consciência percebente lançou-se na tarefa de separar o uno e o múltiplo, separação para a qual concorreram os conceitos de “para-si” e “para-outro”.

Primeiramente, a característica assumida como não-essencial à coisa deveria ser imputada à consciência, de modo que a coisa seria múltipla somente *enquanto* percebida, *enquanto* para-outro, mas ela mesma – para-si – deveria ser una. Como já vimos, esta tentativa fracassou.

Tentou-se, então, separar os dois elementos contraditórios em coisas distintas. A coisa seria múltipla apenas *enquanto* oposta à outra coisa, isto é, apenas para-outro, mas para-si ela seria una. Entretanto, essa segunda tentativa mostrou-se tão insuficiente quanto a primeira.

Assim, todos os “enquanto” da consciência mostraram ser ineficazes. Todas as tentativas de tomar a coisa como uma igualdade simples (“ser-para-si”), tornando o que é diverso a esta unidade (“ser-para-outro”) uma essência oposta, fracassaram, restando à consciência a conclusão inevitável de que a coisa é, segundo sua essência, a unidade entre a igualdade consigo mesma e a diferença (GABOARDI, 2009, p. 68).

Diante disso, assim como aconteceu na certeza sensível, o resultado negativo acerca do seu saber conduz a consciência à concepção de uma nova forma de objetividade, a qual se manifesta como a suprassunção das contradições oriundas de uma universalidade que, fruto da sensibilidade, estava condicionada pelas determinidades do sensível.

À vista disso, o universal determinado da percepção se desvanece e, do seu desvanecimento, segundo Hegel, emerge a chamada *universalidade absoluta incondicionada* [*unbedingte absolute Allgemeinheit*], cuja natureza consiste exatamente em assumir a diferença, a negação, ou o não-ser, como *condição imanente* a si<sup>31</sup>. Ora, o que tem a si mesmo como condição é incondicionado. Assim, a nova verdade da consciência deve ser o universal incondicionado. E, na medida em que já está implicada uma mudança

<sup>31</sup> Apesar de não haver referência explícita no capítulo que versa sobre a percepção, é interessante notar que esta caracterização da coisa a configurará como fenômeno [*Erscheinung*], na medida em que – como Hegel dirá no capítulo seguinte da *Fenomenologia do Espírito*, que trata do *entendimento* – “a aparência [*Schein*] é o nome dado ao ser que imediatamente é em si mesmo um não-ser. Porém, não é apenas um aparecer, mas sim *fenômeno*, uma totalidade do aparecer” (HEGEL, 2003, p. 115-116, §143 [1998, p. 111]).



de figura da própria consciência na mudança do seu objeto, então ela se coloca agora perante esta universalidade absoluta incondicionada não mais como percepção, mas sim como *entendimento*.

Com isso, ao fim e ao cabo, se chegamos a alguma conclusão com todas as considerações realizadas, cremos que ela pode ser sumariamente expressa nos seguintes termos: “a percepção termina com o reconhecimento de que a verdade, a qual se sustentava estar na coisa e em suas propriedades, está em outro lugar” (LAMB, 1979, p. 68). E, por isso, é em busca desse “outro lugar” que a investigação hegeliana na *Fenomenologia do Espírito* se direciona e, com efeito, que a consciência se movimenta, desenvolvendo-se.

## REFERÊNCIAS

CHAGAS, E. F. A Percepção (*die Wahrnehmung*) – ou: a coisa e a ilusão. In: VIEIRA, L. A.; SILVA, M. M. (org.). *Interpretações da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Loyola, 2014.

GABOARDI, E. A. *A Fenomenologia do Espírito de Hegel: uma introdução à seção “Consciência”*. Porto velho, RO: EDUFRO, 2013.

HEGEL, G. W. F. *Enciclopedia de las Ciencias Filosóficas en Compendio*. Trad. de Ramón Valls Plana. 2 ed. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses, 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Phänomenologie des Geistes*. Köhler und Pöggeler (heraus.). Berlin: Akademie-Verlag, 1998.

HYPOLITE, J. *Genesis and structure of Hegel’s Phenomenology of Spirit*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1974.

LAMB, D. *Language and Perception in Hegel and Wittgenstein*. New York: St. Martin’s Press, 1979.

VERENE, D. P. *Hegel’s absolute: An Introduction to Reading the Phenomenology of Spirit*. Albany: State University of New York Press, 2007.

WESTPHAL, K. R. Hegel’s Phenomenological Method and Analysis of Consciousness. In: *The Blackwell Guide to Hegel’s Phenomenology of Spirit*. Oxford: Blackwell’s Publishing, 2009.

**ROCHA, João Marcelo Silva da. A COISA E AS CONTRADIÇÕES DO PERCEBER: Acerca da figura da consciência percebente na Fenomenologia do Espírito de Hegel. p. 22-39**





ROCHA, João Marcelo Silva da. A COISA E AS CONTRADIÇÕES DO PERCEBER: Acerca da figura da consciência percebente na Fenomenologia do Espírito de Hegel. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.18, N.1, 2021, p. 22-39.

Recebido: 09/2021  
Aprovado: 10/2021

